

CONTESTAÇÃO ESTUDANTIL/ENSINO SUPERIOR/OPINIÃO

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

Dia

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18

A reserva de um futuro melhor

Por Jorge Castro Tavares

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

Os estudantes portugueses parecem estar a despertar de longa acalmia, até mesmo apatia, para conseguirem algumas alterações do seu estatuto. Cada vez se ouve falar com mais frequência em greves e manifestações de rua; o que se passou em França recentemente e o que está a acontecer agora em Espanha são os primeiros referenciais para essa contestação, que assim é de supor como possível para breve.

Os sistemas escolares de cada país não são sobreponíveis e apresentam diferenças, mesmo entre vizinhos; nos países culturalmente próximos, a pressão de acontecimentos passados foi distinta e, assim, as orientações tomadas não foram coincidentes.

Em França, por exemplo, o acesso à Universidade tem regras diferentes, que levam à selecção posterior, em fases de qualificação mais diferenciada, e à prática corrente do exercício de actividades profissionais para que

são necessárias habilitações muito inferiores às possuídas. O protesto assumido nas ruas de Paris e de outras cidades francesas mais não visou do que impedir que o Governo alterasse a situação num sentido mais restritivo e por ele entendido como mais justo: estudar na Universidade fica muito caro e esta despesa é sempre paga maioritariamente, quando não exclusivamente, pelo erário público.

Em Espanha, o que os estudantes pretendem é o combate ao desemprego dos jovens através da sua transformação em licenciados universitários desempregados; por outro lado, reclamam também, e com força, uma maior participação do Estado nas suas despesas com a frequência da Universidade. As manifestações civilizadas de Madrid foram perturbadas por agitadores que praticaram actos de vandalismo gratuito, quase terroristas; apesar de identificados como os autoproclamados pacifistas que se envolvem por sistema em violência nos recintos desportivos, a sua presença aponta para a existência

de um promotor comum a todos estes actos de manifestação pública e põe em causa a espontaneidade do processo.

Por cá, as preocupações parecem menos espectaculares, pelo menos nesta fase de falta de comando dos acontecimentos por parte de quem quer deles tirar dividendos. Até ao momento, o grande conflito reside na abolição do regime de precedências e prescrições durante a frequência do ensino superior. Os alunos consideram correcto atingir o último ano do curso sem estar aprovado em matérias referentes ao 1.º ano; e que a frequência do ensino superior é um direito que lhes não traz obrigações perante a sociedade que os mantém nessa situação privilegiada, pelo que podem coleccionar impunemente reprovações e cursá-lo durante os anos que quiserem.

Os estudantes universitários irão tentar o apoio dos seus colegas do ensino secundário, para o que vão, quase seguramente, dar-lhes algo em troca: mesmo sem convicção, talvez até mesmo com desacordo, trarão a abolição

do «numerus clausus» para a primeira linha das exigências.

De facto, há muito na Universidade que é passível de mudança; por isso se lamenta a quietude dos estudantes e se deseja uma reacção e um protesto estimulantes e inovadores, mas não por motivos mesquinhos e apenas com objectivos pessoais e imediatos. As grandes responsabilidades que cabem à Universidade na construção do futuro ultrapassam largamente as questões relacionadas com a passagem de ano como preocupação fundamental.

Por isto é que o País aguarda o protesto da juventude dos grandes ideais, da que distingue o fundamental do acessório, da que é capaz de dar a cara, da que sabe secundarizar os interesses imediatos e materiais do seu pequeno mundo pessoal, da que não confunde igualdade com igualitarismo, da que encara o seu estudo como um verdadeiro trabalho. Hoje, como sempre, a juventude constitui reserva do futuro, mas o que se quer é que este seja melhor.

Conflito - Estudantes